

**Ricardo Antunes de Sá**



Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
[antunesdesa@gmail.com](mailto:antunesdesa@gmail.com)

**Flavia Roldao**



Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
UNIBRASIL  
[flaviaroldao@gmail.com](mailto:flaviaroldao@gmail.com)

**Jacqueline Lindstron**



Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
(UTFPR)  
[jlindstron@professores.utfpr.edu.br](mailto:jlindstron@professores.utfpr.edu.br)

**Submetido em:** 15/09/2022

**Aceito em:** 03/12/2022

**Publicado em:** 23/12/2022

 [10.28998/2175-6600.2022v14n36p1-12](https://doi.org/10.28998/2175-6600.2022v14n36p1-12)



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

# A CENTRALIDADE DA COMPREENSÃO HUMANA EM TEMPOS DE INCERTEZA: A RACIONALIDADE ABERTA, A ÉTICA E A POESIA PARA UM HUMANISMO REGENERADO

## RESUMO

Esse ensaio teórico-bibliográfico traz a compreensão humana como ideia-chave do pensamento moriniano na educação. Demarca a importância da ética e reconhece a dimensão poética da existência como vias de acesso ao conhecimento.

**Palavras-chave:** Complexidade. Compreensão Humana. Educação. Pensamento Complexo.

## THE CENTRALITY OF HUMAN UNDERSTANDING IN TIMES OF UNCERTAINTY: OPEN RATIONALITY, ETHICS, AND POETRY FOR A REGENERATED HUMANISM

## ABSTRACT

This theoretical-bibliographical essay brings human understanding as a key idea of Morin's thought in education. It highlights the importance of ethics and recognizes the poetic dimension of existence as access to knowledge.

**Keywords:** Complexity. Human Understanding. Education. Complex Thinking.

## LA CENTRALIDAD DEL ENTENDIMIENTO HUMANO EN TIEMPOS DE INCERTIDUMBRE: RACIONALIDAD ABIERTA, ÉTICA Y POESÍA PARA UN HUMANISMO REGENERADO

## RESUMEN

Este ensayo teórico-bibliográfico trae la comprensión humana como idea clave del pensamiento de Morin en educación. Subraya la importancia de la ética y reconoce la dimensión poética de la existencia.

**Palabras Clave:** Complejidad. Comprensión humana. Educación. Pensamiento complejo.

## 1. INTRODUÇÃO

A necessidade de educarmos para a compreensão humana tem sido um aspecto que ganha destaque em diferentes obras de Edgar Morin (MORIN, 2000, 2011, 2015) e em Morin, Ciurana e Motta (2003). Tal perspectiva parece-nos de grande relevância nos dias atuais, nos quais a humanidade vem se deparando com as incertezas que se manifestam no âmbito das relações sociais, culturais, econômicas e políticas, bem como percebendo a crueldade e a barbárie que têm marcado nossa existência na terra. Nesse contexto faz sentido pensarmos: “[...] ou nos recriamos, ou vamos nos matar como civilização!” (ROLDÃO, 2022, p. 19). Nos termos de Morin (2013, p.272): “[...] sem a integração da crueldade pela vida, [...] não haveria vida”. O Pensamento Complexo pode trazer importantes contribuições do ponto de vista epistemológico, ontológico e sobretudo numa perspectiva axiológica que favorece novas leituras da realidade física, social e natural e pavimenta vias para a nutrição da compreensão humana. De maneira didática, há duas formas de compreensão identificadas por Morin (2000), a intelectual, mais objetiva, e a compreensão humana, de caráter mais subjetivo. Ambas se interdependem em graduações que se alteram. A educação é um momento bastante oportuno e mesmo decisivo em que essas vias são construídas, pois pode propiciar a religação de saberes e incentivar a construção de uma cultura da compreensão entre os seres humanos. Nesse sentido, os docentes têm um papel fundamental, por meio de seus modos de atuar sob uma concepção de mundo que os possibilite o desenvolvimento de um Método de pensar a realidade que contextualize, globalize, complexifique e acolha a multidimensionalidade dos fenômenos educativos, apresentando proposições que possam favorecer momentos de vivências e reflexões que propiciem a circulação da compreensão humana como um valor a ser experienciado nos contextos educacionais.

Em seu livro “Ensinar a viver”, Morin (2015, p.120) ao abordar o tema da religação dos saberes e da reforma da educação, aponta que é desde o ensino fundamental que esta última deve ser pensada. O autor vai ainda mais além, e alerta que “A dificuldade reside em educar os educadores, o que constitui o grande problema, como já colocava Marx em uma de suas famosas teses sobre Feuerbach: ‘Quem educará os educadores?’”. Assim, a aposta que nasce como pista dessa indagação é “que eles se auto-eduquem com o auxílio dos educandos”. Segundo Morin, é desde o ensino fundamental que deveríamos elaborar um “*programa interrogativo*” que nos levasse a perguntar quem é o ser humano. A partir daí, tentamos entender a nossa tripla natureza: biológica, psicológica

e social. Ou ainda: “Quem somos nós, de onde viemos, para onde vamos?” (MORIN, 2015, p.123). Hoje, Morin aponta que um diálogo entre a dimensão da ciência e da poesia da vida se mostra absolutamente viável, diante de um universo poético, ao nos colocar problemas fundamentais tais como: “Qual é o seu lugar? Qual é o seu destino? O que se pode esperar dele?” (MORIN, 2005, p.42).

Esse ensaio teórico-bibliográfico busca problematizar a compreensão humana como uma ideia-chave do pensamento moriniano na educação. Uma forma de demarcar a importância da ética (MORIN, 2011) e identificar a dimensão poética da existência diante da aventura incerta do viver (MORIN, 2005, 2017, 2020b). Corroboramos com Morin acerca da necessidade da construção de um humanismo regenerado, sob uma racionalidade aberta, crítica e autocrítica (MORIN, 2020b). Tomamos esses caminhos como apostas em novas vias de acesso ao conhecimento e à prática docente como modos de, como professores, refletirmos e nos engajarmos na formação de uma razão sensível (MORIN, 2020), do “pensar bem” e da “interiorização e prática da tolerância” (MORIN, 2000). Vias essas que se distanciam da visão dualista que se constitui como paradigma dominante de ver e conceber o mundo físico, natural e social. O desafio, então, é saber como nos engajarmos em contribuir para com um caminho de regeneração da humanidade à luz dos princípios teóricos do Pensamento Complexo. Ensinar a compreensão vai além de ensinar as competências tecnocientíficas. É resgatar a dimensão ética e poética da existência, nutrir a esperança e cuidar do futuro da humanidade, religando não somente os saberes do mundo prosaico, mas as ciências à cultura das humanidades.

Iniciamos este capítulo destacando a importância da racionalidade aberta e da ética como aportes fundamentais para a compreensão humana, e destacamos o papel do professor neste contexto. Posteriormente, damos destaque à importância do resgate da poesia da vida nos dias atuais, em resposta à expansão da hiperprosa ocorrida desde o final do século e milênio passados, como apontado por Morin (2005). Finalizamos destacando uma urgente educação para a compreensão humana e a nutrição da esperança, bem como, o cuidado para com o futuro da humanidade.

## **2. RACIONALIDADE ABERTA E ÉTICA COMO CONTRIBUTOS PARA A COMPREENSÃO HUMANA**

O ofício docente se constitui num trabalho extremamente complexo e permeado de desafios pessoais e profissionais que afetam também em muitos momentos, a dimensão pessoal e familiar. A atividade de docência demanda sempre da parte do educador uma prática reflexiva, crítica e autocrítica para uma efetiva racionalidade aberta. “Um modo de pensar [...] que requer a integração do observador em sua observação” (MORIN, 2015, p.129). Por isso, o professor enquanto intelectual mediador, interlocutor entre o conhecimento científico e cultural de seus aprendentes poderá contribuir mantendo-se aberto ao diálogo epistemológico para ir além de sua área de atuação, de sua sala de aula, de sua “gaiola” e se aventurar no desenvolvimento da criatividade e imaginação em suas práticas pedagógicas para que possa estabelecer as necessárias relações dos saberes científicos e culturais com mais fluidez em seu contexto. Uma vez que, com a rápida proliferação das mídias digitais e suas linguagens, os alunos podem ter acesso a muitos tipos de informações e conhecimentos sem a contribuição do professor. Perguntamos, então, o que faz necessária a existência de um professor? Os apocalípticos apostam até no término da profissão. Na verdade, o que vemos é uma reconfiguração das possibilidades de acesso, produção e distribuição de informação e conhecimento no século XXI, proporcionadas pelo desenvolvimento científico e tecnológico que criou um mundo e uma cultura digital. Diante deste contexto, um olhar complexo pode mediar a construção do conhecimento criando espaços (usando as tecnologias e suas linguagens) elucidando dúvidas, auxiliando os estudantes a situar as informações, a problematizar as certezas, dialogando com os estudantes sobre as incertezas. Como aponta Moraes (2004, p.259) os processos de ensinar e de aprender no contexto atual demandam a criação de: “ambientes de aprendizagem desafiadores, inovadores, ao mesmo tempo acolhedores e amigáveis que favoreçam as trocas de experiências, os debates, questões e resolução de problemas, etc.” O papel de mediação de um professor, docente ou nome que venhamos a adjetivar, permanecerá como um intelectual que “cria” os espaços de “diálogos” necessários ao processo de (re)construção dos conhecimentos que estão permeados de ciência, de cultura, de valores éticos, poéticos e prosaicos. Afinal, afirma Morin que “o papel do professor, em vez de denunciar, é tornar conhecidos os modos de produção de uma cultura” (MORIN, 2008, p. 78). Ele provoca nos alunos a curiosidade sobre os temas, abre algumas brechas para questionamentos, instiga a imaginação e a criatividade; e se ele conseguir criar meios de transmissão do conhecimento a partir da curiosidade de seus alunos, terá obtido sucesso.

No entanto, o modelo de educação que está posto parece ignorar a curiosidade dos estudantes, faz de professores mero repetidores de fórmulas arcaicas de ensino-aprendizagem e desconsidera o lado humano da ciência, fundamentando-se em uma racionalidade fechada. Morin (2020b, p.118) define a racionalidade fechada como “um tipo de racionalidade que só obedece à lógica clássica e ignora ou nega tudo aquilo que a excede”. Em contraposição ele vai apontar a racionalidade aberta como um modo de pensamento racional que assente os limites da razão acolhendo então, também, o que é irracional, e lidando com a contradição como constituinte dos seus pensamentos, reflexões e construções do conhecimento. Morin (2020a, p.128) denuncia: “A ciência fratura as articulações da natureza (em vez de ter com ela uma relação amorosa)”.

Nossa sociedade enfrenta hoje o desafio de educar “em e para a era planetária” (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p.51). A era planetária não é a era dos binários, das verdades absolutas, das certezas; pelo contrário, é a era de novos caminhos sem metas definidas de antemão, é o momento de vivenciarmos uma racionalidade diferente e multifacetada. O pensamento complexo propõe a racionalidade aberta, não em oposição à racionalidade fechada, mas em um movimento de recursividade do pensamento, de transição de argumentos, de transformação da própria racionalidade em nossa contemporaneidade. É a aposta em uma “racionalidade complexa” (MORIN, 2020b, p.139), que coloca entre parênteses, uma razão absoluta e purificada de toda incerteza, desrazão, loucura e ambiguidade, pois compreende que isso é impossível. Na vida os paradoxos e ambiguidades são constitutivos das experiências humanas na terra. Certezas e incertezas, razão e desrazão, loucura e discernimento, ambiguidades e certezas habitam lado a lado as experiências humanas e podem ser tanto realidades opostas como complementares, bem como reversíveis em diferentes contextos.

A racionalidade aberta proposta pela epistemologia do Pensamento Complexo implica na compreensão de que o conhecimento humano é sempre passível de erros, equívocos e, até ilusão, o que pode favorecer e convocar-nos à uma nova formação docente. O que demanda sempre por parte do ensinante um olhar que historicize, que contextualize, que globalize o fenômeno investigado e/ou ensinado, diante da multidimensionalidade e da complexidade da realidade. Realidade esta sempre entrelaçada, interdependente, interconectada e dinâmica. A resposta à indagação de Marx sobre os educadores retomada por Morin, e anteriormente apresentada, vem agora à baila: “consiste em pensar que, em diferentes lugares do planeta, sempre existe uma

minoria de educadores, animados pela esperança de reformar o pensamento e regenerar o ensino. A tarefa é difícil, supõe esperança e confiança nas possibilidades do espírito humano de resgatar a dimensão ética e poética da vida. Para Morin, construir um pensar complexo exige que reconheçamos que tudo está tecido junto, interligado, interdependente como as gotas de um oceano. O que significa que, nós, docentes, percebamos que nossa prática pedagógica está tecida e interligada às diversas dimensões que constituem nosso ofício. Tudo isto demanda uma nova epistemologia. “Nisto consiste o desafio cognoscitivo” (MORIN; DIAZ, 2016) do professor do século XXI.

### **3. RESGATANDO A POESIA DA VIDA NA FORMAÇÃO HUMANA**

Seguindo a sua paradoxal concepção da vida humana, Morin vai significar a vida a partir da dimensão prosaica e da poética. A dimensão prosaica diz respeito àquelas coisas da vida que realizamos por necessidade ou dever, enquanto à dimensão poética pertencem àquelas coisas que realizamos por prazer, diz respeito à festa, à amizade, ao amor, à celebração. A dimensão estética também está ligada à dimensão poética da vida (MORIN, 2017).

Sustentamos que a dimensão poética da vida pode auxiliar-nos na compreensão humana, diante da incerteza do viver e da necessidade de instauração de um humanismo regenerado que reconheça a contraditória condição humana (MORIN, 2020b). O próprio Morin (2005, p. 10) já apontou que “[...] é necessário aspirarmos a viver o estado poético e assim evitar que o estado prosaico engula nossas vidas, necessariamente tecidas de prosa e poesia”.

Em que consiste o estado poético? É o próprio Morin (2005, p.36) quem nos auxilia nessa resposta: “O estado poético pode ser produzido pela dança, pelo canto, pelo culto, pelas cerimônias e, evidentemente, pelo poema”. Na referida obra, Morin (ibidem, p. 37) nos ajuda a lembrar que nas sociedades arcaicas, prosa e poesia não eram estados da vida tão delimitados e separados, mas, ele aponta: “Na vida cotidiana, o trabalho era acompanhado por cantos e ritmos, e enquanto preparava-se a farinha nos pilões, cantava-se ou utilizava-se esses mesmos ritmos”. Morin vai nos explicar que é a partir de uma ruptura ocorrida entre a cultura científica e a humanística, no século XVII, que os estados de prosa e poesia se separam. Constata-se que partir de então a poesia se autonomiza e torna-se estritamente poesia, fica relegada ao lazer e ao divertimento, aos adolescentes e às mulheres, tornando-se inferiorizada em relação à prosa. Tal ruptura foi decorrente das mudanças sócio-econômicas provocadas pela transição da sociedade

feudal para a industrial. Em resposta, ocorreram duas revoltas históricas da poesia, o Romantismo e o Surrealismo, este último, numa tentativa de “deprosaizar a vida cotidiana e reintroduzir a poesia na vida” (MORIN, 2005, p. 39).

Candido (2006, p.137) explica que o Romantismo:

libertou a produção literária das normas preestabelecidas e impositivas, estimulando a experimentação ao romper a tirania das regras. Por isso, é costume dizer que o Romantismo estabeleceu a liberdade de criação literária, abolindo a servidão às tradições.

Esta escola literária, iniciada no final do século XVIII e predominante no século XIX, representou uma recusa dos sentimentos e formas tradicionais da literatura da época, marcada por valores burgueses. Como movimento, expressou um gosto pelo inacabado, apresentou uma indecisão expressional até então nunca experimentados, “chegando à noção de absurdo e a um discurso cujo objeto parece ter sofrido uma espécie de corrosão que ameaça destruí-lo” (ibid, p.138). Assim, o poema sem sentido ganha vida, se opondo ao poema com sentido. Era preciso resgatar os sentimentos, o amor, a espiritualidade e Deus; rejeitar a racionalidade imposta. Era uma forma de escapar às coerções do pensamento controlado imposto pela sociedade, em suas muitas práticas sociais.

Nesta mesma lógica, surgiu o surrealismo, no início do século XX, a partir dos estudos da psicanálise freudiana e no contexto das incertezas políticas da época. Esse clima fez com que fosse desenvolvido um tipo de arte que criticava a cultura europeia e, principalmente, a classe burguesa. Houve uma valorização da fantasia, do universo onírico e do inconsciente. Os integrantes do movimento também reverenciavam os impulsos e os desejos humanos. Pode-se afirmar que foi uma resposta, uma revolta contra a racionalidade e o materialismo da época, uma vontade de expressar o funcionamento real do pensamento. “Ditado o pensamento, na ausência de todo controle exercido pela razão, fora de toda preocupação estética ou moral” (BRETON, 1924, p.1). A poesia surrealista pode ser caracterizada pela liberdade de ideias, sem frases feitas. Era livre, podia ser feita por palavras recortadas de revistas, de imagens, ou da falta delas, demonstravam livre associação de ideias, o inconsciente. Retratadas as revoltas literárias que entendemos como tentativas de resgate da poesia da vida na modernidade, tomada pela prosa do contexto da industrialização, concordamos com Morin (2005) quando ele faz uma crítica a esta sujeição da poesia à prosa (o que move reflexões tanto na literatura quanto na vida).

O autor se opõe à ideia presente na modernidade, de que o progresso estava conquistado pela evolução histórica, a ciência era sinônimo de progresso, a indústria só traria benefícios e a técnica traria melhorias (MORIN, 2005). No final do século e milênio

passados, aponta Morin, ocorreu uma expansão da hiperprosa, para a qual se requer uma hiperpoesia. O prefixo hiper, como sabemos, indica excesso, aumento; portanto, podemos inferir que há um excesso de prosa, de trabalho, de coerções, de obrigações que os indivíduos precisam cumprir em seu convívio social, na sua vida prosaica cotidiana. No entanto, para o Pensamento Complexo, a vida e também o indivíduo são constituídos de ambas as dimensões, a prosaica e a poética, então há a premência do resgate da poesia a fim de que ela venha integrar a hiperprosa. Nesse contexto de transição, é preciso resgatar o estado poético da vida que nos possibilite vivê-la com mais solidariedade nesse destino comum no qual nos encontramos, nesta casa comum que habitamos. Para que, mesmo em situações autoritárias e desfavoráveis à poesia, seja possível cavar brechas na prosa para a criação de laços coletivos, viabilizando assim um viver potencialmente criativo e mesmo libertário. Comungamos das ideias de Morin em favor da transformação e do respeito aos direitos dos indivíduos para uma vida digna ao entender que essa é uma via possível para a formação de “cidadãos responsáveis, conscientes de seu poder de transformar a si mesmos, à natureza e ao mundo” (LIMA; ROVAI, 2022, p. 20). Será que a escola está preparada para fazer este movimento em prol da poetização da vida?

A escola é instituição fundante para que os seres humanos possam aprender desde muito jovens a valorizarem e viverem a trama da vida de modo integrado, tecendo na existência os fios da prosa e da poesia conjuntamente. O papel dos professores é cardinal nesse sentido, pois é vivendo e experienciando que vamos aprendendo conjugar prosa e poesia na construção da existência. Muito desta aprendizagem pode se dar pela ampla integração curricular das diferentes formas de artes e cultura no cotidiano do processo ensino-aprendizagem e na organização de atividades extra-curriculares valorizadas e integradas ao processo. Nesse sentido, os diferentes caminhos encontrados pelos docentes para integrarem a imaginação e possibilidades diversas de experiências estéticas como parte que vem compor as práticas de ensino-aprendizagem podem ser estratégias que trazem contribuição fundamental. Da mesma forma, a proposição de atividades que favoreçam aos discentes experiências que trabalhem a compreensão humana como um valor fundamental e fundante no seu processo formativo, podem ser objeto de atenção dos planejamentos das atividades curriculares e extracurriculares. Mas para que isso de fato aconteça, é necessário uma equipe pedagógica e um corpo docente sensível à importância do resgate da dimensão poética e ética na formação humana, e a sua plena integração na vida, conjuntamente à dimensão prosaica que a constitui. Desse

modo, nossos estudantes poderão crescer e se desenvolver valorizando e integrando concomitantemente, ambas as dimensões da existência em sua própria experiência de vida, reconhecendo o mundo de incertezas em que vivem.

#### 4. EDUCAR PARA A INCERTEZA E PARA O CUIDADO PARA COM O FUTURO DA HUMANIDADE

Em obra de 2020, ao tecer considerações sobre a pandemia do coronavírus, Morin conclui: “E eis que entramos na era das incertezas” (MORIN, 2020b, p. 22). Ele, que já vinha em sua obra abordando o tema da incerteza da vida, é nesse momento ainda mais incisivo em sua afirmação. No que tange à educação, nos indagamos em que consistiria educar para a era das incertezas? Certo é que as incertezas nos movem para o terreno do desconhecido, onde não há espaço para respostas pré-concebidas como receitas prontas para serem seguidas, e padrões pré-estabelecidos a serem aplicados aos processos educativos. O incerto apela para a nossa capacidade de uma leitura de conjuntura, e a partir daí, estabelecermos relações novas para enfrentarmos os novos tempos que se apresentam na vida cotidiana; trabalho esse que demanda ações em grupo e parcerias. Afinal, como aponta Sá (2019, p.25):

A grande preocupação epistemológica do Pensamento Complexo é a construção de um conhecimento que efetivamente dê conta de explicar e compreender as **multidimensionalidades** dos fenômenos físicos, naturais e sociais, superando, como diz Morin, uma concepção fragmentada, disjuntiva, excludente e reducionista.

Uma tarefa de tal dimensão não é passível ou mesmo possível de ser realizada de modo individualizado. Essa é uma tarefa coletiva que recruta a implicação de muitos saberes e fazeres diferentes tramados. Morin (2016, p. 70) também apontava a necessidade de:

[...] compreender as relações, as redes de relações, de reinterpretar a causalidade para compreender as retroações e as curvas geradoras, de superar a rigidez lógica e considerar os processos de auto-organização, o pensamento sistêmico, a dialógica que enfrenta as dicotomias e os isolamentos. De fomentar atitude para contextualizar e globalizar, e desdobrar as capacidades a fim de propor e resolver problemas. De alcançar o pleno emprego da inteligência e uma nova atitude para organizar os conhecimentos em forma inter, multi e transdisciplinar.

As relações humanas neste contexto demandam grande paciência e compreensão, para que a convivência e os múltiplos fazeres tramados tornem-se uma realidade possível, diante dos desafios das incertezas da vida e suas rápidas, se não

frenéticas, transformações no mundo das amplas redes de comunicação digital e ubíqua. Nesse contexto, além de educarmos para a incerteza diante da complexidade do real, torna-se premente também educarmos para a compreensão humana, tema este, que Morin já vinha trabalhando como merecedor de necessária atenção pelos educadores há quase duas décadas atrás. E aponta que, assim como a comunicação impera, reina também a incompreensão. Logo, é necessário educarmos para a compreensão humana como possibilidade para a “solidariedade intelectual e moral da humanidade” (MORIN, 2000, p.93).

Educarmos para a compreensão humana é um modo de atenção e cuidado para com o futuro da humanidade diante de tanta barbárie que vemos estampadas nos noticiários todos os dias, e que contaminam e formam o imaginário de todos nós, incluindo as novas gerações. Há barbárie dos humanos contra outros humanos, seja nas guerras entre países; seja nas guerras entre pais e filhos nos contextos familiares; seja entre colegas de trabalho nos contextos profissionais; seja do ser humano contra a natureza ou no descuido para com os recursos que afetam diretamente o futuro da humanidade (todos nós!).

Enfrentarmos os problemas que a era das incertezas apresenta recobra uma capacidade autoformativa<sup>1</sup> e formativa para a compreensão interpessoal, e também trabalho imaginativo e transdisciplinar na religação dos saberes, com vista a oferecer novas respostas às novas questões que os novos tempos nos apresentam, e cuidando de preservarmos a vida na plenitude de seu sentido. Prepararmos os estudantes para esses novos tempos, coloca-nos desafios novos a nós, docentes, demandando-nos que possamos investir em nossas capacidades imaginativas, compreensivas e transdisciplinares. Nesse sentido, investirmos em nossa formação docente e humana é de certo modo, cuidarmos também do futuro da humanidade, da nutrição da poética da vida na nossa vida, para contribuirmos com a nutrição ética e poética de outras vidas por meio da prática docente crítica, autocrítica e propositiva, pela qual a religação dos saberes seja o fio condutor para a (re) construção de um conhecimento pertinente e ético.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto procuramos refletir, discutir e apontar contribuições do Pensamento Complexo diante da centralidade de educarmos para a incerteza no contexto da barbárie

---

<sup>1</sup> Utilizamos aqui o termo autoformação conforme Petrágliá e Arone (2021).

presente em diferentes dimensões da vida. Procuramos apontar a necessária formação docente para a compreensão humana (MORIN, 2000) como demarcação da importância da ética e do necessário resgate da poética da existência diante da propagação da hiperprosa na vida. Discutimos a importância do cultivo de uma racionalidade aberta (MORIN, 2020a) que contextualize e globalize as questões trabalhadas e discutidas em nossas práticas docentes, mediante a multidimensionalidade e a complexidade da realidade.

Entendemos que os aportes teórico-metodológicos proporcionados pelo Pensamento Complexo são vias que podem favorecer à formação de uma razão sensível e à prática da tolerância. Ambas, são necessárias no contexto da educação e da vida na contemporaneidade, para nutrirmos esperanças em um processo regenerativo a fim de não nos destruirmos enquanto humanidade por meio dos ataques uns aos outros, dos países contra países, e/ou dos ataques impingidos contra a natureza. Sustentamos que ensinar a compreensão é mais que ensinar habilidades e competências, mas sim, cultivar as dimensões ética e poética da existência, nutrindo assim a esperança e colocando atenção ao cuidado para com o futuro da humanidade.

## REFERÊNCIAS

- BRETON, A. **Manifesto surrealista**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/breton/1924/mes/surrealista.htm#topp> . Acesso em 22 de agosto de 2022.
- CANDIDO, A. **Romantismo, negatividade, modernidade**. Disponível em <http://revistas.unam.mx/index.php/accel/article/viewFile/31656/29264>. Acesso em 22 de agosto de 2022.
- LIMA, A. A. S.; ROVAI, E. **Escola, espaço de subjetivação**: de Freud a Morin. São Paulo: Blucher, 2022.
- MORAES, M. C. **Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- MORIN, E. **Amor, poesia, sabedoria**. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 14 ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil,, 2008.
- MORIN, E. **O método 6**: ética. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MORIN, E. **Meus demônios**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- MORIN, E. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, E. **Sobre a estética**. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2017.

MORIN, E. **A aventura de O Método e para uma racionalidade aberta**. São Paulo: Edições SESC, 2020a.

MORIN, E. **É hora de mudarmos de via**: lições do coronavírus. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020b.

MORIN, E.; CIURANA, E.; MOTTA, R.D. **Educar na era planetária**: O pensamento complexo no erro e na incerteza humana. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MORIN, E.; DÍAZ, C. J. D. Em busca de rotas criativas: educação, universidade e complexidade. In: MORIN, E.; DIÁZ, C.J.D. **Reinventar a educação: abrir caminhos para a metamorfose da humanidade**. São Paulo: Palas Athena, 2016, p.65 - 100.

PETRÁGLIA, I.; ARONE, M. Autoformação. In: ARNT, R.; SCHERRE, P. (Orgs.). **Dicionário** [livro eletrônico]: rumo à civilização da religação e ao bem viver. Fortaleza, CE: Editora UECE, 2021. p. 38–41. Disponível em: . Acesso em: 28 fev. 2022.

ROLDÃO, F. D. **Diálogos com Morin e Vigotski**: contribuição para estratégias imaginativas na universidade. 2022. 190f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Curitiba, 2022.

SÁ, R. A. de. Contribuições teórico-metodológicas do Pensamento Complexo para a construção de uma Pedagogia Complexa. In: SÁ, Ricardo Antunes; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Teoria da Complexidade: contribuições epistemológicas e metodológicas para uma Pedagogia Complexa**. Curitiba: APPRIS Editora, 2019. p.17-63.